

A LITERATURA NA ESCOLA: ESCOLHAS DE JOVENS LEITORES

LITERATURE AT SCHOOL: CHOICES OF YOUNG READERS

Begma Tavares Barbosa¹, Laís Mendes Caixeiro², Tamires Gomes Lima³, Michel
Lima Elpes⁴

¹ Orientador, Doutor, Colégio de Aplicação João XXIII – UFJF, Departamento de Letras e Artes,
(email: begma @acessa.com)

² Bolsista BIC-Jr. do Colégio de Aplicação João XXIII – UFJF. ...

³ Bolsista PROBIC-Jr da Escola Estadual Hermegildo Vilaça

⁴ Bolsista PROBIC-Jr do Instituto Estadual de Educação

Resumo

Este artigo pretende apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa que buscou investigar quais são as **escolhas de leitura** de jovens estudantes do Ensino Médio, particularmente aquelas relativas ao universo da ficção e da Literatura canônica. Somam-se a esses, dados relativos aos motivos do desinteresse pela leitura de literatura bem como as motivações que aproximariam o jovem dos livros. Vinculada aos estudos do letramento literário, a pesquisa pretende contribuir com as discussões acerca da formação de leitores na escola, com foco nas práticas de ensino e promoção da leitura.

Palavras-chave: letramento literário; práticas escolares de leitura; Ensino Médio.

Abstract

This article aims at presenting preliminary results of a research which investigated the **reading choices** of young high school students, particularly those related to the universe of fiction and canonic literature. In addition to this, the research explores data related to the reasons associated with the lack of interest in reading literature as well as positive motivations that approach young readers and books. Linked to studies on literary literacy, the research intends to contribute with discussions about the formation of readers in school, focusing on teaching practices and on the dissemination of reading.

Keywords: literary literacy; teaching practices of reading; high school teaching.

1. INTRODUÇÃO

É fato que poucos de nossos alunos são leitores espontâneos de literatura e, se nas séries iniciais do Ensino Fundamental, demonstram gosto pelas narrativas imaginativas, pelas histórias de aventura, pela música dos poemas, na medida em que vão se aproximando do Ensino Médio - onde hoje a Literatura ganha status de disciplina curricular – revelam resistência a aproximar-se dos textos indicados pela escola. Duas justificativas freqüentes para essa resistência: os livros são “chatos”; os livros são “difíceis”. O que os alunos parecem querer dizer com essa adjetivação, em primeiro lugar, é que muitos dos livros que a escola indica como leitura obrigatória parecem distantes de seu universo cultural e de seus temas de interesse. Por outro lado, são leituras que impõem dificuldades que transformariam o prazer de ler em trabalho exaustivo.

Se é verdade que a escola nem sempre acerta na escolha dos livros ou dos clássicos que indica, também é verdade que há um trabalho específico a ser feito para que os alunos reconheçam na boa literatura, por mais “distante” que esta lhes pareça, e por mais esforço que lhes exija, as possibilidades de dizer da experiência do homem de qualquer tempo e de qualquer lugar e de qualquer idade. A distância que separa o jovem da literatura deve ser percorrida com a ajuda do professor mediante um trabalho sistemático que possa “letrar literariamente” os jovens leitores.

A pesquisa cujos resultados preliminares aqui apresentamos vincula-se, portanto, aos estudos do letramento (Kleiman, 1995) e, particularmente, do “letramento literário” (Paulino, 2001), justificando-se na necessidade de produzir um

conhecimento sobre o jovem e a leitura que nos permita fazer avançar as práticas escolares de formação do leitor de Literatura.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de base quantitativa e qualitativa que se valeu da aplicação de questionários fechados, de entrevistas, da produção de textos em atividades de sala de aula e da gravação em *audio* de evento escolar, uma oficina de leitura de texto literário. A pesquisa foi realizada em três escolas públicas de Juiz de Fora: duas da rede estadual e uma da rede federal, abrangendo cerca de 300 alunos informantes⁵.

Em sua primeira fase a pesquisa buscou investigar: i) que gêneros de textos são objeto de leitura dos jovens que freqüentam o Ensino Médio, jovens entre 15 e 18 anos; ii) que estratégias de leitura utilizam os jovens na abordagem do texto literário. A investigação **do que** os jovens leem procurou abranger uma grande variedade de gêneros - incluindo-se a leitura no meio digital -, não se restringindo ao campo da ficção e da literatura consagrada na/pela escola. A investigação de **como** leem restringiu-se, até aqui, à observação de algumas estratégias de leitura de poemas.

Para a investigação “**do que** leem os jovens” foram aplicados questionários com questões objetivas e questões abertas que permitiram identificar os **suportes de leitura** e os **gêneros preferidos** pelos jovens. Outros dados, recolhidos de textos produzidos pelos alunos, permitiram elencar os **motivos do desinteresse** do jovem

⁵ Os jovens pesquisadores bolsistas desta pesquisa – Laís Mendes Caixeiro, Michel Lima Elpes e Tamiris Gomes Lima - atuaram, cada qual na escola em que estavam matriculados como alunos.

pela leitura de literatura bem como alguns **atributos** que, na opinião dos jovens, serviriam como **atrativo** para que se aproximassem da literatura.

Para a investigação de “como leem os jovens” foram também analisadas atividades escritas de interpretação de poemas com vistas à observação das estratégias utilizadas para abordar esse tipo de texto literário e das dificuldades implicadas na compreensão dos textos. Os questionários com questões objetivas foram aplicados no primeiro trimestre de 2008. A partir de seus resultados, buscou-se elucidar algumas questões, estendendo a investigação com a aplicação de questionário aberto e a produção de textos.

Este artigo está focado nos resultados relativos aos suportes e gêneros escolhidos por leitores jovens bem como nos motivos que esses leitores apresentam para sua resistência ou aproximação do texto de ficção e de literatura. Pretendemos também discutir, brevemente, as implicações pedagógicas dos resultados apresentados, com ênfase nas práticas de formação do leitor de literatura.

3. RESULTADOS

3.1. Sobre o valor social da leitura.

A análise das questões objetivas do questionário aplicado aos alunos aponta para uma contradição reveladora: mais da metade deles afirma gostar de ler; no entanto, a investigação de quantos livros leem e do que leem revela o pouco contato com o livro e com a leitura de literatura.

Perguntados sobre se gostam ou não de ler, 76,8% dos alunos responderam “sim”. Questionados sobre a principal motivação para a leitura, o número dos que

leem **porque gostam**, cai para 56,1%, e 26,2% afirmam ler por obrigação. Outros dados indicam o baixo envolvimento com a atividade de leitura.

Perguntados sobre quantos livros leram no ano de 2007, ano anterior ao da pesquisa, 43,9% responderam ter lido apenas 1 ou 2 livros: 21,1% leram dois livros; 22,8%, um livro. Além disso, os títulos apontados como os mais lidos entre os alunos são aqueles indicados pelos concursos vestibulares e adotados pelas escolas.

Essa contradição pode ser explicada pelo fato de a pesquisa ter sido aplicada em escolas, coordenada por professores e alunos bolsistas, fato que, certamente, dificulta ao jovem revelar-se um “não-leitor” ou alguém que pouco valoriza a leitura. Por outro lado, as respostas atestam o valor social da leitura. Embora se leia pouco, e menos ainda por opção, o livro e a leitura são reconhecidamente importantes. Outro dado atesta isso: 72,2% dos jovens afirma que a família o estimula a ler⁶.

3.2- O que o jovem lê?

Nessa seção indicamos os principais **suportes de leitura** e os **gêneros** que disputam a preferência dos jovens. Os principais suportes de leitura são, em ordem de escolha: internet, jornal, revistas, livros.

A internet é o principal suporte de leitura escolhido pelos jovens. No entanto, a motivação central para buscar a internet é mais o “relacionamento virtual” que a atividade de leitura – sites como “orkut” e “msn” são indicados por 78,9% dos jovens contra 41,8% para os sites de informação e pesquisa. A opção “sites de informação

⁶ Dados do INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) 2001 são também reveladores desse valor social que a escrita ganha na sociedade moderna, altamente letrada. Não obstante suas dificuldades com a leitura, pessoas reconhecidas como “analfabetos funcionais” afirmam saber ler e escrever. Para Britto (2004: 47-64), o dado indicia que “a leitura é considerada um valor, algo que resulta tanto da pregação contínua sobre a importância de ler quanto da valorização da leitura e do livro na escola.”

e pesquisa”, para a pergunta “O que você gosta de ler?”, aparece em 4º lugar, antecedida pela leitura de jornais (48,9%) e quadrinhos (43,9%).

Os dados indicam que **quase metade** dos alunos gosta de ler jornal (48,9%). No entanto, em se tratando desse suporte, um número significativo indica sua preferência por determinados cadernos ou periódicos específicos: revista da tv (30%); jornal esportivo (40,5%). A escolha de jornais como suporte de leitura, portanto, parece justificar-se mais pela **busca de entretenimento** que propriamente de informação. Há, ainda, a clara indicação de que o primeiro suporte é escolha essencialmente feminina e o segundo, masculina.

Revistas informativas - como Veja, Isto é, Superinteressante - aparecem em 3º lugar na preferência dos jovens. A escolha desse suporte parece estar essencialmente associada à **busca de informação e conhecimento pela leitura**.

O **livro** não é, portanto, o suporte preferido de leitura. Os dados indicam a preferência dos jovens pela leitura na internet, de jornais e revistas. Uma boa notícia é que, ao indicarem o livro como suporte de leitura, os jovens apontam para o gosto de ler romances (38,8%) e poesia (27,4%). Livros de auto-ajuda ou literatura religiosa são menos preferidos que aqueles gêneros da literatura: 6,8% afirmam gostar de ler auto-ajuda; 5,1%, literatura espírita; 23,6%, a bíblia.

No entanto, no Ensino Médio – etapa por nós investigada – o contato com os clássicos da literatura manifesta-se, majoritariamente, como leitura obrigatória, indicada pela escola ou por agências externas, como os concursos vestibulares, fato que é apontado como desmotivador por 14,1% dos jovens investigados.

Além da “leitura obrigatória” dos clássicos, os jovens são leitores de uma literatura “mais comercial”, indicada pelos meios de comunicação, sobretudo jornais e revistas, nas listas dos “mais vendidos”. A leitura desses gêneros da “literatura de massa” (Sodré 1978) justifica-se, segundo os dados da pesquisa, por apresentarem ingredientes que agradam aos jovens: ação, aventura, suspense, romance⁷. Um terceiro grupo de leitores, conforme mencionamos, é aquele identificado com a literatura de auto-ajuda e/ou religiosa, e um quarto grupo merece destaque: aqueles que, espontaneamente, escolhem a leitura de clássicos, afirmando gostar da literatura canônica⁸.

Um dado curioso merece comentário à parte. Nas três escolas pesquisadas, dois títulos chamaram a atenção por sua recorrência e especificidade no conjunto de títulos apontados como leitura já feita pelos alunos. Um deles recorre na escola da rede federal de ensino e o outro, nas duas escolas da rede estadual. O fato nos levou à investigação da motivação para essa escolha desses títulos: nos dois casos o estímulo veio da escola, de um professor e de um bibliotecário. Em ambos os casos as “dicas” de leitura foram fundamentais para a adesão dos alunos. Também em ambos os casos os livros não pertencem ao cânone literário.

3. 3. Por que o jovem não lê literatura?

A investigação dos motivos que, possivelmente, afastam o jovem da leitura do cânone literário foi feita a partir da análise de textos produzidos pelos alunos em sala

⁷ O ingrediente “romance” é escolha exclusivamente feminina. Majoritariamente, meninos buscam aventura, suspense. “Ação” é ingrediente buscado por todos, que afirmam preferir as narrativas ágeis. Há, portanto, gêneros de narrativa preferidos por meninas e outros por meninos.

⁸ Esse grupo parece corresponder a um grupo de leitores mais autônomos que, tendo descoberto o prazer da leitura, são também mais assíduos. São poucos e merecerão investigação mais detida na segunda fase da pesquisa.

de aula. Perguntados sobre os possíveis motivos do desinteresse dos jovens pela leitura de literatura, os jovens pesquisados indicaram: i) a sua predileção pela leitura e pelo entretenimento via meio tecnológico (**39,3%**); ii) a ausência, na literatura, de temas de seu interesse (**18,8%**); iii) a dificuldade colocada pela linguagem dos textos (**17,5%**); iv) a obrigação escolar de ler literatura (**14,1%**); v) a falta de incentivo da família, na infância (**11,8%**).

Esses dados foram complementados pela indicação dos atributos que seriam atrativos para o jovem, num texto literário ou numa história de ficção. Perguntados sobre as qualidades da literatura que poderiam despertar o interesse dos jovens, os pesquisados indicaram: i) a presença de temas de interesse da juventude bem como de temas da atualidade (**58,4%**); ii) a adoção de uma linguagem mais “próxima à linguagem da juventude” (**15,7%**); iii) a criação de histórias que envolvam aventura, ação e suspense (**26,1%**).

4. CONCLUSÃO

Gostaríamos de destacar alguns resultados relevantes da pesquisa com vistas a uma reflexão sobre seu impacto na **formação escolar do leitor de literatura**. Em primeiro lugar, confirmou-se nossa hipótese inicial de que a escola é a principal agenciadora do letramento literário, ou seja, é a escola que promove o contato do aluno com o cânone literário. No entanto, no Ensino Médio – etapa por nós investigada – o contato com os clássicos da literatura manifesta-se, majoritariamente, como leitura obrigatória, indicada pela escola ou por agências

externas, como os concursos vestibulares, fato que é apontado como desmotivador pelos leitores.

Além da **leitura obrigatória** dos clássicos, os jovens são leitores de uma literatura “mais comercial”, indicada pelos meios de comunicação, sobretudo jornais e revistas, nas listas dos “mais vendidos”. A leitura desses gêneros da “literatura de massa” justifica-se, segundo os dados da pesquisa, por apresentarem ingredientes que agradam aos jovens, que reivindicam uma literatura de entretenimento e tendem a recusar o esforço de leitura colocado pela literatura clássica, bem como sua “lentidão”.

Considerando-se, portanto, dois grupos de leitores que despontam na pesquisa – os que leem os clássicos, sobretudo, por dever escolar e os que leem uma literatura normalmente rechaçada pela escola e que parece lhes agradar mais – bem como os motivações para ler ou não literatura, algumas perguntas nos parecem necessárias: i) como as escolhas de leitura da escola poderiam aproximar-se das escolhas dos alunos?; ii) que práticas de leitura literária poderiam auxiliar esse leitor jovem a aproximar-se do texto literário?

De um lado, a escola e seus agentes de leitura argumentam que a obrigatoriedade da leitura é o que tem garantido o contato com os clássicos e mesmo a possibilidade de, mediante boas práticas, promover uma aproximação positiva desse tipo de leitura. De outro, os jovens indicam que ler por obrigação é fator desmotivador e que os livros indicados são difíceis e desinteressantes.

Esse confronto nos coloca, minimamente, a necessidade de construirmos espaços escolares de leitura em que os jovens possam fazer eles próprios suas

escolhas, aproximando-se dos clássicos. Essa aproximação, no entanto, deverá ser facilitada pela mediação da escola. Calvino (2004: 12-13) discute bem esse tópico em seu clássico “Por que ler os clássicos”. Para ele um clássico nunca é lido por dever, **exceto na escola** (grifo nosso) a quem cabe a “obrigação” de oferecer instrumentos para que os alunos possam efetuar, eles próprios, suas escolhas.

Não cabe aqui, portanto, discutir a relevância da leitura dos clássicos na escola: ela é inquestionável. Parece-nos, no entanto, que a escola deve repensar suas escolhas – e, para tanto, é importante ouvir o que dizem os alunos sobre os livros que lêem por desejo ou por obrigação. A informação de que os jovens buscam hoje, espontaneamente, uma literatura de entretenimento deve ser bem recebida pela escola, já que sinaliza a existência de *leitores* entre essa fatia da população brasileira, leitores interessados em livros, em histórias, e que poderão vir a compor um grupo dos leitores mais “verticais”, menos apressados, mais reflexivos.

A constituição desse tipo de leitor, no entanto, exigirá da escola uma mudança mais substancial: a de suas práticas. Práticas equivocadas de leitura e de abordagem do literário podem estar por detrás da idéia de que toda Literatura seria “difícil” e “chata”, de que os clássicos nada teriam a dizer ao jovem do século XXI, ao seu desejo de aventura, de ação, de surpresas. Ainda: o não reconhecimento da atualidade dos clássicos, presente no discurso dos jovens entrevistados, sinaliza uma experiência bastante desfavorável de contato com esse autores, certamente promovida pela escola.

Podemos apontar alguns equívocos observáveis em nossas salas de aula: i) a prática do resumo, que simula o contato com o texto; ii) as aulas teóricas às quais a

leitura também escapa; iii) o desconhecimento, pelo professor, das dificuldades que os alunos possam estar enfrentando no contato com gêneros específicos de texto; iv) um modelo de interação escolar que iniba a participação dos alunos e a interação de suas leituras.

Nada mais prejudicial à descoberta da literatura que a usual prática do resumo ou da teorização que elide o texto. Aprender a ler e a gostar de ler literatura presume contato com o texto literário, que, na juventude, é principalmente a escola que vai oferecer. Além disso, o esforço que, naturalmente, a leitura dos clássicos coloca aos jovens deve ser enfrentado a partir, por exemplo, de um modelo de prática em que o texto seja objeto de leitura e discussão, numa atividade de diálogo que conte com a mediação do professor, certamente, um leitor mais experiente, capaz de auxiliar os alunos mediante suas dificuldades, bem como estimulá-los a desvendar as “veredas do bosque da literatura” (Eco, 2004).

Esse modelo de prática implica uma compreensão de leitura como “construção subjetiva” de sujeitos leitores que atuam sobre o texto a partir de um conjunto de conhecimentos e experiências. (Kleiman, 1993; Kato & Elias, 2006). E, particularmente o texto literário, “obra aberta”, (Eco, 1969), é passível de diferentes leituras.

A adesão a essas postulações teóricas tem implicações óbvias para o trabalho do professor. A mais importante delas diz respeito a uma prática ainda corrente que cerceia os processos de leitura em sala de aula ao impor como correta ou mais autorizável a leitura do professor ou do livro didático. Ao contrário disso, boas práticas de leitura do literário disponibilizam aos alunos espaço para eles

produzam, exponham e confrontem suas leituras. O professor poderá, nesse cenário, apontar caminhos, propor indagações estimuladoras, ajudar a corrigir rumos. Seu papel mediador é também fundamental ante a tarefa de desenvolver habilidades de leitura.

Além disso, é importante que o professor conheça os motivos de resistência à leitura do texto literário, não só para buscar uma aproximação com os alunos, mas também, e talvez principalmente, para que possa oferecer a eles oportunidades de conhecer textos e autores dos quais ainda não aprenderam a gostar. Se, de um lado, a escola deve repensar algumas de suas escolhas em função do que os jovens dizem gostar de ler, de outro não pode se omitir à tarefa de mostrar a seus “inexperientes” leitores, por exemplo, as “possibilidades” da lentidão (Calvino, 1995: 43), um atributo de textos memoráveis de nossa literatura, que os jovens apontam como desestimulante.

Uma hipótese, por fim, que se pode assumir aqui é a de que a resistência revelada pelos jovens à leitura dos textos literários deve-se não apenas ao esforço que esse tipo de leitura lhes impõe (Paes, 2001), mas também à carência de experiências que lhes permitam descobrir o que a literatura pode nos oferecer. Isso reafirma a necessidade de que a escola invista em espaços de interação mais “espontânea” com os textos literários e em práticas que promovam experiências mediadas pelo professor com vistas a desenvolver habilidades de ler e, sobretudo, a possibilitar descobertas que desfaçam alguns equívocos que transparecem na avaliação que os jovens leitores fazem da literatura canônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, L. P. L. Sociedade de Cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ECO, U. **Apocalíptico e integrados**. Trad. P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- _____. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995
- _____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- KOCH, I. V & ELIAS, V. M. **Ler e compreender – os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PAES, J. P. **A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PAULINO, M. G. R. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da Faced**, n.5. Salvador: Faced/ UFBA, 2001.
- SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.